CADERNO DE ESTUDOS ÁGORA

Vol. 1, n. 2 (Jul/Dez 2024)
ISSN: 2966-0238

CONFERÊNCIA SOBRE RABINDRANATH TAGORE NO ATENEO DE MADRID (1913)

Autor: Vicente Risco[1]

Introdução e revisão: Tiago Barreira.

Resumo: O escritor indiano Rabindranath Tagore (1841-1941) é considerado um dos mais importantes escritores do século XX, e prêmio Nobel de Literatura. Um poeta de grande sensibilidade lírica e marcada pelo misticismo oriental, foi admirado por escritores ocidentais de Europa e América Latina, e sua obra é considerada uma ponte entre a Índia e o mundo. O texto a seguir é uma tradução inédita à língua portuguesa de conferência sobre Tagore proferida no Ateneo de Madrid pelo pensador galego Vicente Risco em 1913. A conferência, transcrita e publicada originalmente na revista La Palabra (1913), é a primeira pronunciada na Espanha sobre o poeta indiano. A poesia tagoreana é louvada por Risco pelo seu "sentimento, paz, heroísmo e amor". Segundo Risco, "a paz que inunda a alma de Tagore é aquela que o céu concede aos homens de boa vontade […] O restante são as trevas do Ocidente."

Palavras-chave: *Oriente; Poesia Mística, Tagore; Filosofia Indiana.*

[1] Tradução do texto original "Rabindranath Tagore (Premio Nobel de Literatura)" (1913). Esta tradução do artigo foi realizada com autorização expressa da *Fundación Vicente Risco*, que gentilmente concedeu os direitos de reprodução e tradução para publicação no *Caderno de Estudos Ágora*. Agradecemos à Fundação pelo reconhecimento da importância de difundir esse diálogo intercultural e filosófico ao público de língua portuguesa.

Introdução

O escritor indiano Rabindranath Tagore (1861-1941) é considerado um dos mais importantes escritores do século XX. Com uma poesia lírica marcada pela mística oriental, foi inspirador do nacionalismo indiano, e o primeiro indiano prêmio Nobel de Literatura, agraciado em 1913. O livro inglês *The Mystic Way* aponta-o como "grande poeta, cujo senso artístico singular e visão serena do eterno através do temporário o fazem aparecer como um gênio extraordinário, uma estrela de primeira grandeza no firmamento da arte."

Sua literatura influenciou toda uma geração de escritores ocidentais, admirado por escritores na Europa como W.B Yeats e André Gide, e na América Latina por Juan Jamón Jiménez. Seus escritos influenciariam a geração literária de 1927 na Espanha, e nos países de língua espanhola, escritores como Pablo Neruda. No Brasil, sua literatura impactaria autores modernistas como Cecília Meireles.[2] Nas palavras do escritor mexicano Octavio Paz, a obra de Tagore serviu de "ponte entre a Índia e o mundo".[3]

Outro escritor europeu influenciado por Tagore foi Vicente Risco, um importante pensador e antropólogo espanhol e galego-português do século XX. Com grande interesse pelo pensamento e cultura oriental, e sendo um entusiasta da literatura e filosofia indiana, foi um dos primeiros divulgadores do escritor indiano Rabindranath Tagore na península Ibérica, na década de 1910. A poesia tagoreana é louvada por Risco pelo seu "sentimento, paz, heroísmo e amor". Segundo Risco, "a paz que inunda a alma de Tagore é aquela que o céu concede aos homens de boa vontade […] O restante são as trevas do Ocidente."

O texto a seguir é uma transcrição, traduzida de forma inédita para a língua portuguesa, de conferência sobre Tagore proferida por Vicente Risco no Ateneu de Madrid, em 1913. A conferência, a primeira pronunciada na Espanha sobre Tagore, fala de como a sociedade hindu influenciou a literatura de Tagore, para depois indicar seu trabalho como poeta com os livros *Naivédya* (1901), *Kheyá* (1906), *Gitanjali* (1910), *Realização da Vida* (1913), assim como

[2] Paz Rodríguez, José (2011) La Recepción de Tagore en España, Portugal y América Latina. *Redescubriendo a Tagore: 150 aniversario del nacimiento del poeta indio.* Amaranta Libros.
[3] Paz Rodríguez (2011), *ibid*

em diferentes coleções de poemas. Durante a conferência, Risco também traduz alguns poemas de Tagore com o objetivo de explicar essa análise. [4]

La Correspondencia de España escreve sobre essa palestra que Risco "ao final de sua bela e erudita conferência, foi calorosamente aplaudido, recebendo muitas felicitações. Seu estudo sobre o grande poeta indiano merece os elogios de mais de um comentário cuidadoso, pela sua importância e por ser o primeiro a ser publicado na Espanha."[5]

Tiago Barreira

Texto traduzido a partir do original "Rabindranath Tagore (Premio Nobel de Literatura)", publicada na revista La Palabra, n.1, de 1913. Transcrição taquigráfica de conferência apresentada no Ateneu de Madrid em 1913. Tradução automática do castelhano ao português por Chat GPT-4.0 e revisão por Tiago Barreira.

RABINDRANATH TAGORE (PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA)

POR

D. Vicente Risco.

SENHORAS E SENHORES:

Um grande poeta, Rabindranath Tagore, acaba de ser revelado ao mundo. O Prêmio Nobel atingiu esta capacidade, esta gloriosa prerrogativa: consagrar definitivamente o gênio.

A concessão do Prêmio Nobel ao autor de *Gitanjali* significa que a Índia não morreu, que a raça criadora daqueles antigos poemas já clássicos, daquelas teogonias complexas, daqueles sistemas cheios de profundidade, loucura e luz, não se petrificou aos pés de seus ídolos milenares. Depois de tantos séculos de filosofia, miséria e servidão, aqueles homens ainda têm algo a revelar ao Ocidente, algo a comunicar às gerações futuras.

---

[4] Vázquez, Iria-Friné. (2015) O orientalista Vicente Risco. <Acesso em 14 de Outubro de 2024>
[5] Vázquez, Iria-Friné. (2015), *ibid.*

A Europa parece estar esperando uma revelação. A inquietação do mistério se apoderou dos espíritos. É como se nossas almas sentissem a proximidade de algo desconhecido que nos enche de esperança e temor, e começássemos a olhar para o mais íntimo de nós mesmos, esperando que, talvez, em nosso mundo interior, ocorra um milagre: o grande milagre da fé que deve iluminar nossa incredulidade. Nada é mais significativo do que o interesse que, há alguns anos, o misticismo vem despertando. Nesse contexto, mais importa a atitude de homens de qualquer seita, sejam eles modernistas católicos, protestantes liberais, unitários ou *quakers*, assim como a dos pesquisadores independentes, como Emerson, Tolstói ou Maeterlinck. No entanto, a consciência religiosa também está se transformando, e o pensamento religioso se liberta de suas amarras dogmáticas para buscar a luz interior em que se baseia a crença.

Todos esses são sinais do que o grande trágico belga chamou de o despertar da alma, que em certos períodos parece emergir das profundezas e atingir a superfície da vida. Esse algo desconhecido cuja presença sentimos hoje ao nosso redor, talvez seja a Alma Suprema que se aproxima de nós. Por isso, quem nos falar de suas explorações nesse mundo interior, onde se suspeita que sua luz resida, certamente encontrará entre nós ouvidos atentos às suas revelações.

E de quem temos mais direito de esperar essas revelações, essas novas verdades, senão dos homens dessa raça, que viveu por tantos séculos em constante comunhão com o inefável?

Ouçam Maeterlinck:

> "Em uma época remota da história da Índia, a alma deve ter se aproximado da superfície da vida a um ponto que nunca mais alcançou, e os restos ou as lembranças de sua presença quase imediata ainda produzem fenômenos únicos por lá."

E no prólogo de *Os Discípulos em Sais*, de Novalis, ele diz:

> "Uma verdade oculta nos faz viver. Somos seus escravos inconscientes e mudos, e estamos acorrentados enquanto ela não se manifestar. Mas se um desses seres extraordinários, que são as antenas da alma humana, pressentir essa verdade um instante, tateando nas trevas, os mais comuns dentre nós, por um reflexo súbito e inexplicável, sentirão a libertação de algo."

Pois um desses seres extraordinários é Rabindranath Tagore. Em um livro inglês publicado no ano passado, *The Mystic Way*, de Miss Underhill, Tagore é apontado como um grande poeta, cujo senso artístico singular e visão serena do eterno através do temporário o fazem aparecer como um gênio extraordinário, uma estrela de primeira grandeza no firmamento da arte. Não há exagero nisso.

Até agora, quase nenhum escritor espanhol havia se ocupado do grande poeta indiano. Apenas dois artigos, um do Sr. Pérez de Ayala em *La Tribuna*, e o outro do Sr. Dominguez Berrueta em *La Revista de Libros*, trouxeram ao grande público o nome de Tagore.

Mas, finalmente, Ramiro de Maeztu, esse descobridor da Europa central, lançou sobre o poeta, a partir das colunas de *Nuevo Mundo*, um de seus julgamentos inapeláveis e definitivos. Indubitavelmente, o Sr. Maeztu não compreendeu Tagore; faltaram-lhe duas coisas: humildade e simpatia. O Sr. Maeztu, que detesta as nebulosidades orientais, viu no pensamento de Tagore o terrível fantasma do quietismo indiano — o ópio, o sonho, o êxtase, a não resistência ao mal —, e isso o assustou. Tanto teme o Sr. Maeztu à preguiça que é de se suspeitar que esse seja um inimigo que o ataca com frequência.

Não é engano, não é sonho, não é a torpeza do ópio nem a resignação inerte e cansada o que há nas palavras de Tagore. É juventude, é certeza, é confiança, é ânimo para viver; isso é o que dizem suas palavras, afirmativamente vigorosas: "Bom mesmo é a crença de que sou mais do que aparento ser." É a verdade de que o espírito humano é maior quanto mais vive nas coisas, quanto mais em harmonia se sente com a Natureza: e, servindo-a, torna-se bom, como ela é boa; invencível, como ela é invencível. É a verdade de que tudo está na vida, de que as mais elevadas aspirações do espírito devem ser realizadas na vida; e quem souber compreender e sentir isso nas divinas estrofes de Tagore terá conhecido um homem de espírito são e livre, com um grande, nobre e corajoso coração.

E não deve repreendê-lo por não ter separado o "Agora" e o "Aqui", que são a Eternidade presente, do sonho de um paraíso onde se vivem o Bem, a Beleza e a Verdade.

Tagore inaugura uma nova era na poesia. Um sopro desconhecido de juventude e frescor — diz um escritor francês — se eleva do jardim onde canta Rabindranath: acentos de

profundidade inusitada nos ferem e surpreendem; um novo ritmo dá cadência aos pensamentos; uma luz irrompe: é a aurora.

É a aurora, de fato, que já é hora de vir rasgar as névoas de incerteza, de luta e de amargura em que a Europa se debate, tão caras ao Sr. Maeztu, se é que isso não é apenas mais um flerte de seu ágil espírito.

A paz que inunda a alma de Tagore é aquela que o céu concede aos homens de boa vontade. Sentimento, paz, heroísmo e amor: isso é toda a poesia do nosso indiano, e isso é toda a poesia do mundo. O restante são as trevas do Ocidente.

Foi censurado aos indianos de hoje — escreve o crítico inglês Mr. Hawell — a falta de originalidade na arte e na literatura. Essa crítica deveria ser dirigida ao nosso sistema educacional, pois, se há um sistema que tem como resultado sufocar todo espírito de iniciativa, certamente é o que se chama nas Índias de educação superior. Um estudante bengali que, em um ambiente deprimente, tivesse decorado, por falta de um meio melhor, todos os textos que formam o acervo dos colégios da Europa, concluiria que não há nada a aprender na literatura e na arte da Índia. Tudo o que é belo na vida e na arte da Índia é simplesmente antagônico aos seus compatriotas ilustrados. Para eles, a cartola e o terno são os símbolos da civilização.

Esses bengalis ilustrados são chamados no país de *babus*. Parece que *babu* significa senhor e é aplicado de forma irônica aos indianos educados à maneira europeia, que estudaram na Europa ou em instituições inglesas da Índia. Os *babus*, que constituem a burguesia das cidades europeizadas, iniciaram um movimento de renovação da cultura e dos costumes indígenas, imitando os ingleses. Criaram escolas e colégios para ensinar aos seus filhos Medicina, Direito, Matemática e ciências aplicadas; enviaram jovens para estudar na Europa; monopolizaram a indústria e o comércio, e, posteriormente, os cargos da administração, que estavam nas mãos de funcionários britânicos, até se lançarem na ação política em um sentido nacionalista. Seu partido foi chamado Jovem Índia, e seu programa era francamente liberal: abolição das castas, emancipação da mulher, casamento de viúvas, transformação da cultura, representação nacional.

Essas reformas enfrentaram oposição dos ritos, tradições e costumes bramânicos, bem como dos preceitos do antigo Código de Manu. Era necessário mudar tudo de cima a baixo. Sem

se deter em minúcias, os *babus* começaram por transformar a religião. A essa tentativa está ligado o nome da família Tagore. Ram Mohun Roy, filósofo indiano que havia viajado e dado palestras na Europa, fundou em 1830 em Calcutá a Sociedade Brahma Samaj, que se propunha criar uma religião sem culto, com doutrinas das principais religiões praticadas na Índia.

A Brahma Samaj reconhece Brahma como a única divindade criadora e conservadora dos mundos, afirma o livre-arbítrio e defende que a vida futura depende das ações cometidas na Terra. Os adeptos se reúnem em seus templos para entoar cânticos, ler e discutir passagens dos Vedas, do Corão e da Bíblia. Isso não é uma inovação na Índia. No século XVI, o imperador mogol Akbar tentou unificar todos os credos consultando seus ulemas, os brâmanes e os jesuítas de Goa. Mais tarde, Mohammed Shah, irmão de Aurangzeb, em busca da melhor religião, mandou traduzir para o persa cinquenta *Upanishads*, cuja versão serviu para Anquetil du Perron fazer outra em latim. A essa tendência da mente indiana ao sincretismo religioso deve-se o enraizamento na Índia da doutrina teosófica. Antes das revelações da Teosofia surgirem na Índia, o bom senso daquele povo já havia investigado, pelo simples esforço da razão, sem clarividência e ocultismo, uma forma religiosa mais simples e pura.

De fato, na Sociedade Teosófica não se trata apenas de revelações místicas, ocultismo e clarividência. Além disso, nela, se encontra um dos pilares da dominação britânica. Seu presidente, Madame Besant, com suas lojas maçônicas, seus colégios, seus jardins de infância e sua Ordem dos Filhos da Índia, faz ativa propaganda contra as aspirações nacionalistas. A Sociedade Teosófica foi declarada de utilidade pública e recebe um substancial subsídio do governo inglês da Índia.

Mas voltemos à Brahma Samaj. Após a morte de Ram Mohun Roy em 1843, o líder da seita passou a ser Maha Rishi Debendranath Tagore, pai do nosso poeta. Profundamente versado nas escrituras clássicas, Debendranath já professava o claro e suave misticismo que admiramos nos poemas de seu filho. Diz-se que ele passava diariamente muitas horas em contemplação e que uma vez, navegando nas sagradas águas do Ganges, caiu em êxtase, impressionado pela beleza da paisagem, permanecendo nesse estado místico por oito dias sem comer ou beber; e os remadores que o acompanhavam, tomados de respeito, aproximaram o barco da margem e ali deixaram os remos, aguardando silenciosamente até que o homem santo, saindo de seu *samadhi*, recuperasse a consciência dos sentidos. Isso, aliado à pureza de sua

vida e à sabedoria de suas palavras, fez com que sua fama de santidade se espalhasse e seu nome fosse venerado por todos que sabiam pronunciá-lo.

No entanto, sua ascensão à liderança causou um cisma na Brahma Samaj. Kechab Chander Sen, que era deísta como os maçons e os livre-pensadores ingleses, renunciou ao cordão sagrado, investidura dos brâmanes, e arrastou consigo todos os elementos radicais da seita, enquanto os tradicionalistas se agruparam ao redor de Debendranath.

Kechab fundou a *Associação Reformista de Calcutá*, que em 1872 conseguiu a autorização para o casamento civil, fez ativa propaganda jornalística e constituiu 128 famílias da seita. Ele não poupou esforços para se autopromover, até conseguir casar sua filha com um *maharaja*. Então, seus próprios adeptos se voltaram contra ele e o expulsaram de sua posição de líder. Ambas as seitas celebraram juntas o aniversário da fundação, e a autoridade de Debendranath Tagore foi reconhecida por todos.

Assim é como o nome desta extraordinária família de artistas está ligado ao movimento de renovação empreendido por esses *babus* iconoclastas e europeizados que deram as costas aos Vedas para se alinhar com os títulos acadêmicos, o casaco de fraque e a cartola.

Gustavo Le Bon faz um retrato lamentável dessas pessoas. O *babu* é um insuportável superhomem que despreza soberanamente seus compatriotas e treme diante do último funcionário inglês. Ele é pedante, covarde, grosseiro e carece de todo senso moral. Em sua mente, Brahma, Vishnu, Júpiter, a Bíblia, o vice-rei da Índia, Maomé, Spencer e Stuart Mill dançam uma sarabanda de todos os demônios. Para ele, Nietzsche e Conan Doyle, Shakespeare e Ponson du Terrail têm o mesmo valor. Na mesa do hotel, ele pergunta sobre antecedentes familiares, qual é sua profissão, quanto você ganha por ano e que educação você planeja dar a seus filhos.

Se, ao viajar de trem, ele entra em seu vagão, colocará os pés no assento à frente, fumará, cuspirá nas paredes e no teto; para lhe dar uma alta ideia de sua erudição, falará de qualquer coisa que lhe permita citar livros com pomposa suficiência, e acabará por tornar o compartimento inabitável. Mas, se vir a porta se abrir para a entrada de um inglês, o pobre homem se agachará no canto mais escuro e nada será capaz de tirá-lo de seu silêncio e quietude temerosa, apenas interrompida para lançar olhares humildes de soslaio ao imponente

companheiro. Isso se o recém-chegado não o agarrar pelas lapelas e o colocar para fora na plataforma.

Nas mãos dessas pessoas está o futuro da Índia. Esses são os resultados de uma cultura imposta, de uma educação contrária ao caráter nacional, ao passado da raça, à constituição mental do povo indiano. A cultura europeia é adequada para raças e países em que foi preparada por um passado laborioso, por uma longa evolução, mas, nos povos onde encontra uma civilização anterior, orientada em sentido radicalmente diverso, não pode deixar de produzir uma degeneração alarmante em raças que, quando se desenvolvem de acordo com sua própria lei, ainda conservam toda sua força e espírito. Apenas um gênio pode assimilar o melhor do novo permanecendo firmemente enraizado na tradição: esse é o caso do nosso poeta. Fora isso, a natureza contrariada só gera monstros.

Se fôssemos julgar o movimento de aproximação à Europa iniciado pelos *babus* de um ponto de vista econômico ou político, não sei o que poderia ser dito. Isso você encontrará no livro de Gustavo Le Bon. Mas aqui se trata de poesia e arte, e, nesse sentido, o movimento não pode ser mais pernicioso.

De fato, a Índia se europeíza irremediavelmente. Os *babus* seguem a obra do filisteísmo inglês, que ameaça acabar com a arte indiana. O que Tamerlão não fez, os ingleses realizarão, pois converteram muitos monumentos em quartéis e derrubaram outros para abrir caminho para as ferrovias. Diante da indiferença da administração britânica, colecionadores europeus saquearam templos e palácios de suas melhores joias artísticas. Na Galeria Nacional de Arte de Calcutá, a juventude indiana admira os piores exemplos da arte europeia, e em Simla, Madras e Bombaim, realizam-se abomináveis exposições de Belas Artes. As indústrias artísticas estão se perdendo, e os soberanos de Maisor e Kapurthala constroem palácios ao estilo do Trianon, onde se dançam cotilhões e minuetes.

A Europa invadiu a terra indostânica com toda o seu pedantismo, com toda a sua indústria e com toda a sua vulgaridade. Mas nem todos devem ser funcionários orgulhosos e ignorantes, *babus* europeizados e *maharajas* esnobes. Aqui está esta linhagem privilegiada dos Tagore: esses três irmãos, netos de um príncipe e filhos de um santo; esses três irmãos, que carregam em suas cabeças os dons mais brilhantes do espírito.

Dvijendranath é um grande filósofo. Os esquilos, dizem os indianos, descem das altas árvores e sobem sobre seus joelhos; os pássaros pousam em suas mãos. Abanindranath é um grande pintor. Ele propôs regenerar a arte indiana, redimi-la da mediocridade europeia. Inspirado nas pinturas da época mogol, criou uma arte própria e tornou-se o chefe de uma escola tradicionalista. Fez ilustrações primorosas para o *Ritu Sanghar* e o *Megadhuta*, de Kalidasa; o *Ramayana* e o *Mahabharata*, os *Rubaiyat* de Omar Khayyam e *A Luz da Ásia*, de Arnold. Entre seus quadros, há verdadeiras obras-primas, como a figura simbólica *Bharat Mata*, na qual, à maneira dos antigos mestres indígenas, representa a pátria indiana, e *Aureng Zeb recebendo a cabeça de Dara*, em que evoca a psique do soberano mogol fanático, que foi um Filipe II do maometismo. Desde 1906, Abanindranath é o diretor da Escola de Arte de Calcutá.

Por fim, Rabindranath, o poeta, surge diante de nós. Rabindranath nasceu em Calcutá em 1861. Desde o berço, aprendeu a amar a beleza, o bem e a verdade. Viveu em um ambiente de religião e poesia. Em sua família, cultivavam-se a música e as letras. Um de seus parentes, Sir Surindra Mohun Tagore, era considerado na Europa a maior autoridade em música indiana. De seu pai herdou o amor pela natureza e a inclinação à vida contemplativa.

Aos dezoito anos, nosso poeta compôs um notável drama lírico e, depois, outros dramas, romances e poemas. Sua família o enviou a Londres para seguir a carreira de direito; mas, desgostoso com esses estudos e com o ambiente da grande metrópole, voltou à sua amada pátria para se dedicar à poesia. Nos templos de Brahma Samaj, Rabindranath entoa seus inspirados cânticos de esperança e fé iluminada, e a multidão se aglomera para ouvi-lo e sentir com ele a profunda emoção religiosa.

Em Bolpur, perto de Calcutá, onde foi se estabelecer, o poeta fundou uma escola ao ar livre, onde ele mesmo, auxiliado por mestres formados por ele e com métodos de sua invenção, ensina a mais de duzentos alunos. Sua fama é tão grande que, onde quer que se fale bengali, suas poesias são memorizadas, recitadas e cantadas, e seu nome é pronunciado com reverência. Os indianos exaltam a pureza de sua vida e falam das horas que passa em meditação, contemplando a natureza de Deus; Rabindranath tornou-se um herói nacional, e o século XX leva, naquelas terras, o nome do grande poeta.

Rabindranath publicou muitos livros na língua bengali, um dos idiomas populares da Índia, que já são línguas literárias. Desses livros, conhecemos três na Europa: *Gitanjali*, *Naivedya* e *Kheyd*, coleções de poesias líricas, e *Sadhana, a realização da vida*, onde expõe sua filosofia.

Aqueles que leram esses poemas no original bengali falam de sua delicadeza de cor, da melodia extremamente musical de seus ritmos e do encanto intraduzível de sua forma.

As estrofes de Rabindranath são mais propriamente canções. Estão escritas não para serem lidas ou recitadas, mas para serem cantadas ao modo indiano. As palavras e os ritmos estão inseparavelmente adaptados a uma música especial, cujas melodias têm um simbolismo diferente, que expressa o tempo e o lugar do poema. Desde as primeiras notas, sabe-se se é o amanhecer ou a noite, a primavera ardente ou a estação das chuvas.

Em inglês, as canções de Tagore tornaram-se poemas em prosa de extraordinária beleza. A suprema simplicidade do estilo, a originalidade das imagens, os tesouros de pensamento e emoção contidos nesses poemas não se perderam. E é isso que faz de Rabindranath Tagore o maior poeta vivo atualmente.

Fiz um longo preâmbulo para dar destaque e intensidade ao contraste que este poeta nos oferece, mantendo acesa em sua alma a chama divina da poesia em meio a uma sociedade voltada para a prosa estúpida da vida moderna.

Ele também sentiu as aspirações de liberdade da pátria indiana e as expressou em um breve poema de grande força:

> "Onde não existe o medo e se levanta erguida a cabeça,
>
> Onde a ciência é livre,
>
> Onde o mundo não está fragmentado por estreitos muros domésticos,
>
> Onde a verdade surge do fundo do coração,
>
> Onde um esforço incansável leva nosso trabalho à perfeição,
>
> Onde a clara corrente da razão não se perde nas areias lúgubres das tradições mortas,
>
> Onde a mente é guiada por Ti para pensamentos e ações cada vez mais elevados,
>
> Nesse paraíso de liberdade - oh, meu Pai - que minha pátria desperte!"

É que a liberdade é beleza; é que não há arte sem liberdade. Frente ao filisteu, frente ao inimigo eterno, o poeta sempre representa a liberdade. Mas Tagore buscou, antes de tudo, o reino de Deus, a revelação da alma, e a alma lhe foi revelada na beleza das coisas:

> "Mergulho nas profundezas do Oceano das formas" - diz - "para encontrar a pérola perfeita do informe."

Nas cores da paisagem, nos aromas que preenchem a floresta, no encanto da música, na palavra do amigo, no olhar da esposa carinhosa, o divino revelou-lhe sua face misteriosa. Na suprema exaltação de suas delicadas efusões, de seus puríssimos amores, de seus desejos infinitos, ele chegou a sentir a divindade de seu próprio espírito. As asas de seu canto o levaram ao infinito:

> "Sei que te agrada o meu canto. Sei que só como poeta chego à tua presença. Com as extremidades das asas do meu canto toco os teus pés."

Assim, Tagore não quis abandonar o mundo para seguir o caminho da renúncia. Ao contrário, voltou-se, comovido de ternura, para as coisas e abriu todas as portas de seus sentidos para se saturar de sua beleza, alegria e emoção. Por isso, em seu misticismo, não há aquela angústia dolorosa dos místicos ocidentais. Em nós, a alma luta para se manifestar, debatendo-se na sombra de nosso espírito, lutando com os desejos baixos que querem manchá-la e com a razão que a nega. Nos poemas de Rabindranath Tagore, a alma vitoriosa fala suavemente, e há em seus acentos a serenidade do reino da beleza eterna, como se esta tivesse rompido aquele silêncio que canta no poema, o silêncio da beleza:

> "No tumulto impetuoso e ensurdecedor da vida, ó Beleza esculpida na pedra; tu ficas muda e imóvel, sozinha e distante!
>
> O Tempo se sentou apaixonado aos teus pés, e murmura: 'Fala, fala-me, meu amor; fala, minha prometida!'
>
> Mas tua linguagem está trancada na pedra, ó Beleza Imutável!"

Não devo comparar, como outros fizeram, o sentimento místico e poético de Tagore com o *Cântico dos Cânticos*, com Francisco de Assis ou com William Blake. Rabindranath Tagore entregou-se à vida com um sorriso de sabedoria nos lábios, sabendo que a vida o conduziria, enfim, às moradas da alma, ao repouso, ao coração do mundo. E daí vêm essas exaltações

efusivas, esses transportes de alegria extática, essa emoção intensa que lhe provoca o entendimento do mundo e o amor por ele, mesmo quando suas espinhas feriram seu coração. Ouçam-no:

> "Para mim, a libertação não está na renúncia.
>
> Sinto a amplitude da liberdade nos mil vínculos da alegria.
>
> Sirva-me sempre a bebida fresca de teu vinho de vários odores e fragrâncias, enchendo até a borda este cálice terreno.
>
> Meu mundo acenderá suas cem lâmpadas diversas na tua chama e as colocará no altar de teu templo.
>
> Não; jamais fecharei as portas dos meus sentidos!
>
> As delícias da vista, do ouvido e do tato trazem contigo tuas delícias.
>
> Sim, todas as minhas ilusões arderão em uma iluminação de gozo, e todos os meus desejos amadurecerão em frutos de amor."

> "Luz, minha luz, luz que enche o mundo, luz que cega os olhos, luz que adoça o coração!
>
> Ah! A luz dança, ó meu Amado! No centro da minha vida; a luz pulsa, ó meu Amado!, as cordas do meu amor: perto do céu, o vento passa; passam os risos sobre a Terra.
>
> As borboletas abrem suas asas sobre o mar de luz. Lírios e jasmins brotam sob a crista da onda de luz. A luz explode em ouro sobre cada nuvem, ó meu Amado! E espalha gemas em profusão. A alegria vai de folha em folha, ó meu Amado! Alegria sem fim. O rio do céu rompeu suas próprias margens, e a torrente de alegria transborda."

> "Eu colhi tuas flores, ó Mundo!
>
> As apertei contra o meu coração, e os espinhos me rasgaram.

> Quando o dia declinou e as sombras subiram, descobri que a flor estava murchinha; mas a dor ficou.
>
> Ainda virão flores sobre ti, ó Mundo! Flores perfumadas e orgulhosas.
>
> Mas para mim o tempo de colhê-las passou, e no curso da noite escura eu não terei rosas; mas a dor fica."
>
> ———
>
> "Eu não sabia o momento em que cruzei o limiar desta vida.
>
> Qual era o poder que fez minha vida se abrir neste vasto mistério como um casulo na floresta à meia-noite?
>
> Quando, pela manhã, vi a luz, logo percebi que não era estranho neste mundo; que o Inefável sem nome e sem forma me havia acolhido em seus braços como minha mãe.
>
> E assim, na morte, o mesmo desconhecido aparecerá, como sempre conhecido para mim. E por isso amo esta vida, e sei que amarei a morte como algo bom.
>
> O menino chora quando sua mãe o tira do peito direito para, em seguida, encontrar no esquerdo o seu consolo.
>
> Aqueles que me amam neste mundo tentam de todas as maneiras me reter. Mas de outro modo é o teu amor, que é maior que o deles; tu me manténs livre.
>
> Onde eu não os esqueço, eles não ousam me deixar sozinho. Mas passa dia após dia, e tu permaneces não visto.
>
> Mesmo que eu não te invoque em minhas preces, se não te carrego no coração, teu amor ainda espera eternamente pelo meu amor."

Este sereno otimismo, esta aceitação jubilosa da vida, este deslumbramento diante do prodígio da Natureza, lembram as poesias de outros místicos de origem muçulmana, como os persas Hafiz e Jalaluddin Rumi, da seita dos Sufis, e o indiano Kabir. Embora o pessimismo indiano tenha levado muitos ascetas ao desprezo do mundo, ele não os fez perder completamente o amor pela Natureza. Aqueles que abandonavam sua casa e sua aldeia para levar

uma vida de penitência buscavam nas selvas daquela terra pródiga um meio propício à sua existência solitária.

Outro aspecto da lírica de Rabindranath Tagore que a liga mais visivelmente à tradição da Índia são seus cânticos de amor. Creio que o sentido místico desses cânticos não reside em seu significado simbólico, mas no fato de que, para nosso poeta, o amor humano é uma das manifestações da alma suprema. Assim, este poema intitulado *Simplicidade*:

> "As mãos se unem às mãos, e os olhos se fixam nos olhos: assim começa a história de nossos corações.
>
> Na noite de março, que a lua ilumina; o suave aroma do feno perfuma o ar; minha flauta está no chão esquecida, e tua guirlanda de flores não está terminada.
>
> Este amor entre mim e ti é simples como uma canção."
>
> ***
>
> "Teu véu de cor açafrão embriaga meus olhos.
>
> A guirlanda de jasmim que me trançaste faz meu coração estremecer como um louvor.
>
> É o jogo de oferecer e retirar, mostrando o que se tem para logo disfarçá-lo: sorrisos, pequenas timidezes e doces lutas inúteis.
>
> Este amor entre ti e eu é simples como uma canção."

Outro poema de delicadeza única:

> "O sonho que flutua nos olhos da criança, alguém sabe de onde vem? Sim, há o rumor de que ele habita em uma bela aldeia, onde entre as sombras da floresta, fracamente iluminada por vaga-lumes, pendem dois tímidos casulos enfeitiçados. De lá ele vem para beijar os olhos da criança.
>
> O sorriso que vacila nos lábios da criança, alguém sabe onde nasceu? Sim, há o rumor de que um pálido brilho da lua crescente tocou a borda de uma nuvem outonal

> desvanecente, e ali nasceu o sorriso pela primeira vez, no sonho de uma manhã banhada pelo orvalho — o sorriso que vacila nos lábios da criança enquanto dorme.
>
> A doce, suave frescura que floresce nos membros da criança, alguém sabe onde se escondia até então? Sim, quando a mãe era jovem, ela se espalhava, invadindo seu coração em um mistério terno e silencioso de amor — a doce, suave frescura que floresceu nos membros da criança."

Um eco daquelas églogas clássicas da Índia, daqueles divinos poemas pastorais nos quais se narram as lendas da vida de Krishna, o belo deus de tez escura que fazia as alegres leiteiras de Madura e as lindas pastoras da floresta de Vrindavan dançarem ao som de sua flauta, parece conservar-se nestas estrofes e em outras semelhantes de Rabindranath, que têm a mesma frescura, o mesmo aroma campestre das do distante *Gita Govinda*.

Depois do amor, a morte. Para Tagore, a morte não é motivo de medo. Ele não a teme; ele a espera. E se entrega a ela como se entregou à vida; com o mesmo sereno abandono. A morte já não é o fantasma aterrorizante das danças macabras; é a esposa última, que oferece em seus braços sonhos inefáveis:

> "No dia em que a morte bater à tua porta, o que oferecerás a ela?
>
> Oh! Colocarei diante de minha hóspede o cálice cheio de minha vida. Não a deixarei partir com as mãos vazias.
>
> Toda a doce colheita de meus dias de outono e minhas noites de verão, todo o salário e a espiga de minha laboriosa vida, colocarei diante dela no fim de meus dias, quando a morte bater à minha porta.
>
> Oh, tu, última plenitude da vida, Morte, minha morte; vem e sussurra para mim!
>
> ———————
>
> Dia após dia, tenho guardado vigília por ti; por ti tenho suportado os prazeres e as angústias da vida.
>
> Tudo o que sou, o que tenho, o que espero, e todo o meu amor, sempre fluiu para ti em um abismo secreto.
>
> Um último olhar dos teus olhos, e minha vida será para sempre tua.

> As flores foram tecidas, e tua guirlanda está preparada para o noivo. Após o casamento, a noiva deixará sua casa e encontrará seu senhor, sozinha, na solidão da noite.
>
> ———
>
> Recebi minha despedida. Digam-me adeus, irmãos! Curvo-me diante de todos vocês, e me vou.
>
> Aqui estou: entrego as chaves da minha porta; renuncio a todo direito sobre minha casa. Somente a vocês dou minhas últimas palavras de despedida.
>
> Fomos vizinhos por muito tempo; mas recebi mais do que pude dar. Agora o dia amanhece, e a lâmpada que iluminava meu canto escuro está apagada. O chamado veio, e estou pronto para minha jornada".
>
> ———

Por fim, aqui está a mensagem de Rabindranath Tagore ao mundo ocidental:

> "Não há mais religião além da beleza e do amor; não há mais culto além da arte; não há outra moral além da obediência à lei interior da compaixão e da paz. Ciência e teologia pouco importam: elas não podem destruir nossa deliciosa certeza. Sabemos que, quando a Alma se manifesta em nós, esta é a verdadeira vida, e quando ela fala, toda voz terrena deve se calar, pois é inútil tentar interromper o divino colóquio. E mesmo que soubéssemos que ao morrer tudo volta ao pó, esses momentos valem mais do que a eternidade."

Aos *babus* da jovem Índia, eu diria, parodiando D. Miguel de Unamuno:

> "Façam ciência, façam economia, façam, ou pelo menos traduzam sobretudo cultura. Para o tempo que tudo isso nos durará!...
>
> Paz a todos os seres!"
>
> ———